

UMA GOTA DE MEL

A Taste of Honey

um filme de Tony Richardson

com Dora Bryan, Robert Stephens, Rita Tushingham, Murray Melvin

Cópia Digital Restaurada | Reino Unido | 1961 | 1h 41min | M/12

**Festival de Cannes 1962 – Melhor Actriz (Rita Tushingham);
Melhor Actor (Murray Melvin)**

**Prémios BAFTA 1962 – Melhor Filme Britânico;
Melhor Argumento Britânico; Melhor Actriz Britânica (Dora Bryan);
Maior Promessa para Papéis Principais (Rita Tushingham)**

Festival de Karlovy Vary 1962 – Melhor Filme

Uma adolescente insatisfeita (Rita Tushingham, na sua estreia em cinema) procura um sentido para a vida numa Manchester economicamente desesperada, e deve confrontar-se com uma gravidez indesejada e uma série de relações tumultuosas. Adaptação da peça homónima de Shelagh Delaney (1958), que Richardson havia encenado na Broadway, *A Taste of Honey* é um exemplar do chamado *kitchen sink realism*, que se revela em ousadas reflexões sobre sexualidade, relações de género, de raça e de classe. Influenciado pela fotografia a preto e branco da *nouvelle vague* francesa e pelo estilo *vérité* do *free cinema*, o filme é amplamente considerado o melhor de Richardson, sendo também aquele que mais sucesso comercial teve.

“I can't stand people who laugh at other people.
They'd get a bigger laugh if they laughed at themselves.”
– Shelagh Delaney, *A Taste of Honey*



A Taste of Honey, baseada numa peça de Shelagh Delaney, de 1958, é uma das principais obras do género correntemente referido como *kitchen sink film*, entre 1959 e 1963. Um pioneiro da tendência social realista de longa duração no cinema britânico, o *kitchen sink film* articulava um aspecto da realidade até então “oculto” pelo cinema: a vida quotidiana da classe trabalhadora no norte da Inglaterra. Essa ‘extensão social da representação’, nas palavras de Raymond Williams, chegou ao cinema como consequência directa das mudanças ocorridas no mundo do teatro e da literatura do pós-guerra. Factores políticos e económicos prepararam o terreno para a ascensão de escritores - às vezes agrupados sob o rótulo de conveniência de “angry young men” - que vinham de um estrato social menos privilegiado e que se propuseram a questionar as suposições gerais de classe e riqueza, reflectindo as suas próprias experiências quotidianas nos seus romances e peças. Essa vitalidade recém-descoberta veio do impacto de contar o ‘ponto de vista interno’ e a sua autenticidade resultante.



Este foi, de facto, o caso de Shelagh Delaney, que nasceu em Salford no seio de uma família católica irlandesa da classe trabalhadora. Reprovou nos exames da escola e abandonou os estudos ainda jovem, tendo tido uma série de empregos, de empregada de cinema a assistente de loja, antes de escrever sua primeira obra, *A Taste of Honey*, aos 19 anos. Afirmou tê-la escrito como resposta ao que sentia ser a necessidade de rejuvenescer o drama britânico, uma forma de arte infestada de artificialidade e privilégio e alheia às mudanças na sociedade britânica do pós-guerra. Por seu turno, trouxe a história de uma jovem desajeitada, Josephine, a quem a vida adulta se lhe é imposta por uma gravidez inesperada. É também a história de Jimmie, o marinheiro negro com quem Jo tem um breve caso, e de Geof, um estudante de moda gay com quem ela desenvolve um relacionamento platónico. Estas histórias são desenvolvidas no contexto da paisagem industrial do norte da sua cidade natal.

Dentro do universo “angry young men” dominado por homens, Shelagh Delaney, com seu refinado senso de humor e sua escrita jovem, destacou-se. [...] [A sua obra] Foi posteriormente adaptada para um guião por Delaney e Tony Richardson, que juntamente com George Devine, chefiou a Companhia Estatal Inglesa no Royal Court; um dos dois teatros em Londres (sendo o outro o Littlewood's Theatre Royal) que fornecia um espaço para o desenvolvimento e apresentação de novas peças de escritores da classe trabalhadora.

[...]

Filmado quase inteiramente em exteriores, em Manchester e Salford, *A Taste of Honey* expôs a miséria que ainda existia em várias partes do país no final dos anos 50, revelando a paisagem industrial do norte por meio de imagens recorrentes



de chaminés de fábricas, canais sujos, arcos ferroviários, feiras e calçadas. O director de fotografia do filme, Walter Lassally, foi capaz de explorar o potencial das localizações externas e também internas, trabalhando com uma pequena câmara Arriflex 35mm, raramente usada para longas-metragens na época, e alternando entre diferentes películas de filmes, favorecendo o uso de luz natural, tanto quanto possível. Tendo trabalhado em muitos documentários, além de ser parte integrante do movimento *Free Cinema* (filmou o primeiro filme de Richardson, *Momma Don't Allow* em 1956), Lassally sentiu-se confiante para experimentar com *A Taste of Honey*. De acordo com Lassally, este foi provavelmente o primeiro filme inglês a empregar três diferentes películas de filmes em diferentes exteriores, incluindo o Ilford HPS de alta velocidade, que até então era considerado adequado apenas para documentários [...].

Para manter o seu impulso realista, Richardson quis uma actriz desconhecida para o papel de Jo e viu mais de 2.000 raparigas durante as audições. Rita Tushingham, da cidade de Liverpool, cuja experiência de representação foi enquanto as patas traseiras de um burro numa pantomima local, decidiu fazer o casting depois de ler sobre um cineasta que procurava uma actriz desconhecida e de aparência simples para o papel principal num filme. Foi rejeitada durante as audições, mas depois de Richardson ver uma projecção dos testes no grande ecrã, ficou hipnotizado pelos seus olhos e escolheu-a para o papel de Jo.

[...]

Os olhos de Rita Tushingham conquistaram o papel e, de certa forma, acrescentaram uma nova profundidade à sua caracterização de Jo. No filme, a sua mãe, Helen, lindamente interpretada por Dora Bryan, uma experiente actriz cómica de Lancashire, refere-se ao facto de Jo ter os 'olhos engraçados' do pai. O olhar de Jo e os seus 'olhos engraçados' são constantemente enfatizados ao longo do filme, e os planos de ponto de vista recorrente e ponto de vista indirecto usados por Richardson reforçam uma aproximação entre os seus olhos e o olho da câmara. De alguma forma, complica a relação do filme com a realidade objectiva na tela e leva a crer que o diálogo sofisticado do filme e a sua *mise-en-scène* criam um 'realismo poético', guiado pelo impulso de encontrar poesia no quotidiano. A simples iconografia do canal, do recinto da feira e dos arcos da ferrovia, torna-se um veículo para a subjetividade de Jo, ganhando assim uma dimensão visual mais profunda no filme. O vulgar transforma-se para além da superfície da realidade e ganha uma qualidade poética, pois está ligado à interioridade do personagem[...].»

Cecília Mello, *A Taste of Honey* in
Woodfall: A Revolution in British Cinema (excertos)

medeia^{filmes} www.medeiafilmes.com

